

# CRÔNICAS EFÊMERAS - V

## Eris. Aquele.



*“A maior insanidade está em tentar viver em um mundo  
que exige máscaras para todos os rostos.”*

Meu nome é Eris.

Não nasci como a maioria das criaturas deste mundo. Sou fruto de uma inconsistência. Não me leve a mal, sei o que está pensando, tendo memórias “daquela época”. Mas não, ainda não é hora para isso, tenho algumas boas palavras para meus pais que ainda estão em vida.

Nunca me envolvi muito com algo profundamente, sou aquele que antigamente comia pelas beiradas. Observava, todos ao meu redor, principalmente quando fui matriculado naquele local. Passei um bom tempo me intensificando, principalmente quando entendi o que eu era capaz de fazer... ou quando Laxasia despertou a voz dentro de si.

Ela era uma garota especial, não com sonhos gigantes mas com um fervor único. Passamos por muitos eventos que poderiam ser descritos como “infortúnios”. E então fui nomeado como membro do seu Parlamento.

São sete cabeças, sendo a mais próxima dela eu e a Profetiza. Uma mulher misteriosa, com sua vestimenta evocando os olhos da Cognição. Ela toca sua viola enquanto transcreve em poemas icônicos os próximos passos que seriam prudentes para Ostrakis.

Os demais? Bem, espalhados por diversas cidades. Desde Patmos a Vienna. Todos gostam de vagar pela imensidão deste país. Sentir o bom calor de não saber o que há através de cada esquina.

Há um dia fatídico. O dia em que me encontrei com as Máscaras. Apesar de ter me negado a te dizer sobre meu nascimento, devo dizer que possui uma marca em mim, cravada em diversos sigilos e sânscritos dentro do meu estômago. Vários eremitas dizem sentir de mim uma aura,

uma aura única e proibida. Eu carrego um nome de forma sigilosa comigo, um dos responsáveis ao lado de Alastor por a Magia Antiga ser considerada a Magia Proibida. Uma longa história, que aliás me faz lembrar do garoto.

Alastor Vertú, uma criança peculiar, nascida do ódio entre diversos conflitos. Desisti de pensar nele como um agente do caos, ele é ingênuo até mesmo para as mais simples plateias no teatro. Onde eu estava? Certo, a realidade, nossa realidade é moldada de fios meu caro leitor, pequenos fios que criaram tudo que nos tornou verdade. Eu sei disso, assim como você sabe. Esses diálogos podem ser um reflexo do seu desejo insaciável de compreender, mas as melhores respostas não existem... ou melhor, eu sou o responsável por destruir elas.

As Máscaras estavam no meu parto. Estranho me lembrar disso, sentir o cheiro de Hemolinfa despejado em minha mãe enquanto eu era levantado. A luz tocou sobre mim, assim como as mãos com luvas tão pretas como os capuzes que contrastavam com o branco em seus rostos. É um grupo que me entende, mas que não deveriam, que me deram a possibilidade de entender mais sobre um crescimento. Óbvio que Laxasia abomina outras Organizações, já senti todo tipo de repulsa em seu sangue fervendo desde que a conheci.

Na Universidade foi quando decidi botar em prática. Quebrar o ciclo, cortar meus laços e por fim as coisas como elas funcionam. E se eu surpreendesse aqueles marcados pelo

Karma que irão destruir Nêmesis? O bem e o mal viviam em eterno equilíbrio, quando Ars, aquele pequeno jovem nascido de algo tão sanguinário como eu, ainda conduzia os átomos deste espaço morto. Mas a memória dele, assim como de todos aqueles, residem apenas em mim, e no que eu carrego.

Aquela dezena antes de mim, é uma história, uma crônica ou conto que é apenas um fator que amedronta as criaturas que vagam. Eu não quero isso, não quero ser apenas uma memória. Quero compreender isso, compreender o peso da moralidade e poder finalmente ensinar como manifestar o equilíbrio. Pois o equilíbrio que conhecemos é falso, falso como aquele que carregava meu nome em outros tempos... em outros lugares.

- Eris? Está escrevendo... ah certo. Não queria incomodar – Era a Absoluta, pelo seu cabelo parecia ter voltado de viagem. – Sei que isso é seu momento de paz, mas preciso de um conselho.
- Engraçado como você sempre pede conselhos ao Bob.. – Odeio esse nome, ele já existe em outro lugar – Ao seu amigo.
- Você apesar de um pouco fora da curva continua sendo prudente. Conseguimos a garota. Ela não se feriu no processo, chamei o pessoal da base para podermos dar início ao processo.
- Você parece bem decidida para quem veio pedir conselhos...

- Olha, seja um pouco menos direto. Eu apenas gostaria de saber se isso tudo é a única maneira. Digo, você quem a localizou com as supostas lendas, acha mesmo que o que precisamos consegue ser retirado dela sem matá-la?
- Não. Se quer uma visão do futuro, por favor se encaminhe para a sala da Profetiza. Não tenho isso, sou apenas um homem.
- Um homem? Certo... qual o próximo passo. Eu exigo que diga sem mais voltar. – Pela mudança de tom de voz parecia que a dor de cabeça ficava mais intensa, e pelo cheiro do seu Zéfiro ela tinha utilizado The World por aproximadamente... 50 segundos? Um novo recorde.
- Laxasia, leve seus homens para a base. Comece os exames e em seguida trarei os resultados para ti. Preciso mesmo ir naquela região, uns amigos me esperam – Sorri para ela, ela às vezes gostava disso.
- Tira essa merda do rosto – Pelo jeito hoje não era uma das vezes – Amanhã de manhã partirei em retirada. E quanto às notícias? Vi que um pessoal de Astellanos planeja fazer uma excursão em família, os Morningstar. Sabe, aquela família gigantesca.
- Eles têm um cheiro peculiar. De passado. De memórias. Talvez seja bom encontrá-los.
- Certo, marcarei um encontro com o líder da família.

Coloquei minha pena sobre o tinteiro e passei a observar o pequeno conjunto de sinos em meu quarto. Laxasia saiu do mesmo com suas botinas acolchoadas que produziam passos

longos e profundos. Peguei meu tabuleiro de xadrez, posicionando abrindo em E4 C5. Ah, o tipo de estratégia que eu adotaria. Logo mais, atrás deles, atrás do palco, atrás de você.